

Os Kadiwéu e suas antropólogas: um ensaio sobre arte e produção oleira na literatura produzida por mulheres pós anos 2000

*Flávia Freire Dalmaso*¹

*Antônio Hilário Aguilera*²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: O presente artigo procura mapear os discursos que têm sido realizados com base em etnografias realizadas por mulheres em torno da arte indígena no Mato Grosso do Sul, em especial a produção de cerâmica Kadiwéu. Produzida também por mulheres, a cerâmica Kadiwéu, bem como as pinturas que adornavam essas peças no passado tem chamado atenção da antropologia pelo menos desde a primeira metade do século XX quando foram objeto de reflexões de dois renomados antropólogos, a saber, Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro. Ao longo do tempo, outros autores e autoras seguiram os estudos acerca da arte ceramista e do grafismo Kadiwéu enfatizando elementos de continuidade e de inovação. Preliminarmente podemos inferir a singularidade da cultura material desta etnia, ao ponto de seguir despertando estudos antropológicos, vinculados aos seus significados e relações com outros elementos da cultura, como a mitologia, organização social e relações entre parentes.

Palavras-chave: Antropologia; Kadiwéu; mulheres indígenas; cerâmica.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2005), mestre (2009) e doutora (2014) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. Professora visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2022-2024).

² Mestre em Educação Indígena pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999) e doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca-Espanha (2006). Professor Titular de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

The Kadiwéu and their anthropologists: an essay on art and pottery production in literature produced by women after the 2000s

Abstract: This article seeks to map the discourses that have been made based on ethnographies carried out by women around indigenous art in Mato Grosso do Sul, in particular the production of Kadiwéu ceramics. Also produced by women, Kadiwéu ceramics, as well as the paintings that adorned these pieces in the past, have attracted the attention of anthropologists at least since the first half of the 20th century, when they were the subject of reflections by two renowned anthropologists, Claude Lévi-Strauss and Darcy Ribeiro. Over time, other authors have continued their studies of Kadiwéu ceramics and graphics, emphasizing elements of continuity and innovation. Preliminarily, we can infer the uniqueness of the material culture of this ethnic group, to the point that it continues to arouse anthropological studies, linked to its meanings and relationships with other elements of culture, such as mythology, social organization and relationships between relatives.

Keywords: Anthropology; Kadiwéu; indigenous women; ceramic.

Los Kadiwéu y sus antropólogas: un ensayo sobre el arte y la alfarería en la literatura producida por mujeres después de los años 2000

Resumen: El presente artículo procura mapear los discursos que han sido realizados con base en etnografías realizadas por mujeres alrededor del arte indígena en Mato Grosso do Sul, en especial la producción de cerámica Kadiwéu. Producida también por mujeres, la cerámica Kadiwéu, así como las pinturas que adornaban esas piezas en el pasado han llamado la atención de la antropología por lo menos desde la primera mitad del siglo XX cuando fueron objeto de reflexiones de dos importantes antropólogos, que son, Claude Lévi-Strauss y Darcy Ribeiro. A lo largo del tiempo, otros autores y autoras siguieron los estudios acerca del arte ceramista y del grafismo Kadiwéu enfatizando elementos de continuidad y de innovación. Preliminarmente podemos inferir la singularidad de la cultura material de esta etnia, al punto de seguir despertando estudios antropológicos, relacionados a sus significados y relaciones con otros elementos de la cultura, como la mitología, organización social y relaciones entre parientes.

Palabras clave: Antropología; Kadiwéu; mujeres indígenas; cerámica.

Em fevereiro de 1892, Guido Boggiani, viajante e comerciante de couros italiano que passou duas temporadas com os indígenas Kadiwéu no final do séc. XIX fez, em seu diário, a seguinte afirmação: “A minha habilidade no desenhar e pintar é dos meus méritos o que mais desperta surpresa e interesse entre esta gente e especialmente entre as mulheres, como mais hábeis na matéria” (BOGGIANI, 1975: 155).³ Não nos surpreende que o desenho e a pintura, atividades as quais Boggiani se dedicava com afinco durante os meses que conviveu com os Kadiwéu tenham chamado tanto sua atenção: como sabemos, tanto no passado, quanto atualmente, a arte ocupa um lugar central na vida desses indígenas se expressando de diversas formas como, por exemplo, nas pinturas corporais ou nos desenhos gravados nas cerâmicas. Para os Kadiwéu, as pinturas realizadas pelas mulheres, afirmava Darcy Ribeiro já no final dos anos de 1940, são “o maior motivo de orgulho tribal” (RIBEIRO, 2019: 222).

Poucos anos antes de Darcy Ribeiro, os desenhos Kadiwéu também seduziram o antropólogo Claude Lévi-Strauss que os conheceu durante uma expedição que realizou ao Brasil central entre os anos de 1935 e 1936. Segundo o autor (RIBEIRO, 1996: 173) a “arte gráfica kadiwéu”⁴ segue um estilo “incomparável diante de quase tudo o que a América pré-colombiana nos legou e que só lembra, talvez, a decoração de nossas cartas de baralho”. Este “traço extraordinário” da sua cultura, continua Lévi-Strauss, “é marcado por um dualismo: o dos homens e das mulheres, uns escultores, outras, pintoras; os primeiros ligados a um estilo representativo e naturalista, apesar das estilizações, ao passo que as segundas se dedicam a uma arte não representativa” (*idem*: 179).

Não obstante, tanto Darcy Ribeiro (2019), quanto Lévi Strauss (1996) lamentavam, cada um a seu modo, a corrosão dos antigos costumes e tradições kadiwéu, incluindo as pinturas. Lévi-Strauss, por exemplo, revela ao leitor sua surpresa ao ter recebido de um colega brasileiro (justamente Darcy Ribeiro) uma publicação com desenhos que seguiam os mesmos estilos e técnicas encontrados por ele 15 anos antes, repetindo o que havia acontecido com as reproduções feitas no final do séc. XIX pelo próprio Boggiani. Ainda assim, não deixa de notar que tal “conservadorismo” não se estendia a cerâmica, “a qual de acordo com as últimas amostras recolhidas e publicadas, parece em total degenerescência” (*idem*: 174).

Já Ribeiro expressa uma preocupação mais ampla com os impactos do processo civilizacional que estaria em curso entre todos os povos indígenas do Brasil mais especialmente aqueles que habitavam a região central, como os Terena e os Kaiowá que visitou antes de realizar suas pesquisas com os Kadiwéu. Conforme relata no prefácio da obra *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*, tais visitas lhe chamaram atenção para “o denominador comum que unia a todos estes povos como indígenas submetidos à sociedade brasileira”, que os expunha “a certas compulsões elementares, dentre as quais o impedimento de

³ O presente texto está inserido em um contexto mais amplo do projeto “ceramistas” (Cerâmica indígena em Mato Grosso do Sul: Arte, Autonomia e Inovação entre as Mulheres Kinikinau, Terena e Kadiwéu), financiado pela Fundect/MS e parte dos resultados do Edital de “Pesquisador Visitante” (Edital Fundect chamada n. 23/2022).

⁴ Grafia conforme a original.

expressar suas próprias tradições, sobretudo aquelas que mais se opunham aos valores da cultura nacional” (*idem*: 12).

Apesar das suposições pouco otimistas feitas na primeira metade do século XX por Darcy Ribeiro e por Claude Lévi-Strauss, fruto de correntes antropológicas da época, os Kadiwéu continuaram a se ocupar de suas atividades artísticas e, ainda hoje, esse é um dos principais tópicos que, orienta o olhar da antropologia (assim como o de outros campos de estudos) sobre essa população (SIQUEIRA JR., 2011; GRAZIATO, 2008; PADILHA, 1996; MÜLLER, 2017; DURAN, 2021). Como essa literatura têm chamado a atenção, a arte oleira sempre pertenceu ao universo feminino.⁵ Nesse sentido, especialmente a produção e o comércio das peças de cerâmica, as negociações estabelecidas pelas mulheres indígenas com a sociedade não indígena, bem como as transformações no tamanho e formato dessas peças com o objetivo de atender as demandas do mercado consumidor (constituído basicamente por turistas) tem orientado uma série de pesquisas mais contemporâneas (VIETTA, 2015; CANAZILLES, 2016; MÜLLER, 2017; ALVES, CHAVES e MATIAS, 2019; ALVES e RODRIGUES, 2021).

O presente artigo procura mapear os discursos antropológicos que têm sido realizados em torno da arte indígena Kadiwéu, especialmente no que diz respeito a fabricação da cerâmica. Embora tal objetivo não represente propriamente uma novidade, pois, como acabamos de mencionar acima, outros pesquisadores tem se dedicado a essa agenda (DURAN, 2015; SILVA e KOK, 2014), acreditamos poder contribuir não só com uma leitura diferente, mas, também, com a incorporação da leitura de produções mais recentes ainda não revistas. Além disso, ao revisitar a bibliografia, notamos que apesar dos trabalhos considerados clássicos - a saber os de Guido Boggiani, de Claude Lévi-Strauss e de Darcy Ribeiro - terem como autores apenas homens, a maioria estudos posteriores sobre a arte oleira Kadiwéu foram realizados por mulheres. Por restrições óbvias de espaço, não é nosso objetivo aqui recuperar todas essas autoras e as questões gerais sobre as quais se debruçaram. Sendo assim, nossas reflexões sobre a cerâmica se concentrarão basicamente na leitura de três trabalhos produzidos por pesquisadoras ao longo dos anos 2000.

O primeiro deles, intitula-se: *Cerâmica Kadiwéu processos, transformações, traduções: uma leitura do percurso da cerâmica Kadiwéu do século XIX ao XX*, de Vânia Graziato. Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e Artes da USP, no ano de 2008 que, apesar de não ter uma antropóloga como autora, se tornou uma referência para as pesquisas da área feitas com os Kadiwéu. O segundo, menos conhecido, chama-se: *Arte Kadiwéu: processos de produção, significação e ressignificação*, uma tese de doutorado defendida em 2017 por Aline Maria Müller, no departamento de ciências da vida, do instituto de antropologia da Universidade de Coimbra. Já o terceiro, único publicado, é o livro *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* de Raquel Duran (2021). Ao focarmos nessas obras, estamos interessados, sobretudo, em compreender o que tem significado, hoje, estudar a arte Kadiwéu. Ou, em outras palavras, trata-se de perseguir a seguinte questão: o que tem sido inscrito nesse exercício de escrever sobre as pinturas desses indígenas?

Além desta introdução, o ensaio está dividido em quatro partes. Na primeira retomamos o passado Kadiwéu tal como tem sido narrado pela bibliografia. Nesse tópico nossa intenção é, à maneira como faremos com a arte, deixar-nos guiar

⁵ Müller (2017) cita a presença, “em vias de desaparecimento”, de algumas formas de artesanato masculino que teriam sido mais frequentes no passado como, por exemplo, os chapéus de palha trançada, cachimbos e trabalhos feitos em couro.

pelos temas escolhidos pela literatura quando resolve descrever esse tempo pretérito. Já nas segunda e terceira sessões focamos na cerâmica propriamente dita, passando a uma leitura mais acurada dos três trabalhos mencionados acima. Começamos nos concentrando nos trabalhos de Müller e Graziato, o que nos leva às discussões sobre a produção, comercialização e transformações nos processos de produção da cerâmica entre os povos indígenas do Mato Grosso do Sul, em especial os Kadiwéu. Em seguida, dedicamos mais atenção a obra de Duran e, portanto, as análises de ordem mais estruturalista e simbólica, feitas por essa autora. Finalmente, no quarto e último tópico retomamos as questões trazidas ao longo do texto e tecemos nossas considerações finais.

Quem são os Kadiwéu: a guerra, a hierarquia e a hereditariedade

Pertencentes aos povos indígenas da família linguística Guaikurú (palavra de origem guarani),⁶ os Kadiwéu seriam descendentes de um, dentre os diferentes grupos que pertenciam ao povo conhecido pelo nome de Mbayá-Guaikuru que, até o final do século XVIII, habitava a região localizada entre as margens ocidental e oriental do rio Paraguai. Famosos por sua habilidade em montar cavalos, esses indígenas são descritos como guerreiros que, “desde a descoberta das minas de ouro de Cuiabá (1718) e de Goiás (1725), combateram os luso-paulistas e os espanhóis que transitavam pelos vastos campos entre os rios Paraná e Paraguai” (KOK, 2014: 09). Além disso, são constantemente recordados por terem exercido uma participação ativa e decisiva na Guerra do Paraguai (1864-1870), fundamentais para a vitória brasileira.⁷

Atualmente os povos indígenas da etnia Kadiwéu encontram-se divididos em seis aldeias (Alves de Barros, Campina, Tomázia, São João, Barro Preto e Córrego Ouro) localizadas no oeste do estado do Mato Grosso do Sul, mais precisamente no município de Porto Murtinho. Com uma população de 1311 habitantes (IBGE, 2022), a Terra Indígena Kadiwéu possui cerca de 539.000 hectares sendo a maior área indígena demarcada fora da Amazônia brasileira. De acordo com Silva e Kok (2014: 143), os indígenas “vivem, sobretudo, de caça, coleta e criação de gado”, “consomem produtos industrializados (...), frequentam escolas e dispõem de energia elétrica nas aldeias”. Os autores (*idem*: 143-144) também identificam a existência de uma agricultura de subsistência praticada em Campina por famílias de origens Terena, Kinikinau e Kadiwéu e deduzem que “o relativo isolamento” das aldeias em “relação ao meio urbano ajuda a explicar a manutenção de diversas tradições culturais entre os Kadiwéu”, como por exemplo sua iconografia.

A aldeia Alves de Barros é onde se encontram atualmente o maior número de famílias reunidas embora muitos indígenas vivam em outros locais fora do território demarcado, como Aquidauana, Campo Grande e Bodoquena (DURAN, 2021). Segundo Duran (2021: 15):

O principal meio de subsistência desta população consiste no arrendamento de 23 fazendas da reserva, prática iniciada pelo Serviço de Proteção Indígena (SPI) em 1928 e

⁶ De acordo com Pechincha (1994: 19) a família linguística Guaikurú inclui diversos povos que habitavam a região do Chaco Paraguai e Argentino como, por exemplo, os Toba, os Emók, os Mocoví e os Pilagá, bem como outras etnias extintas.

⁷ A participação dos Kadiwéu ao lado dos soldados brasileiros foi recompensada com a confirmação da doação das terras em que vivem pelo imperador Dom Pedro II. O processo de demarcação, homologação e registro da Terra Indígena Kadiwéu foi finalizado pelo Governo Federal em 1984. Isso não evitou, contudo que o seu território sofresse constantes invasões e grilagens ao longo de sua história. Para mais detalhes a respeito dos diferentes conflitos fundiários e disputas pela posse da terra Kadiwéu (cf. SILVA, 2011; SIQUEIRA Jr., 2011; BASQUES Jr., 2020).

continuada pelos próprios indígenas, através da criação da Associação das Comunidades Indígenas da Reserva Kadiwéu (ACIRK) em 1989. Além disso, trabalham de peões nas fazendas vizinhas à reserva, de enfermeiros, professores, tradutores, motoristas, entre outras profissões, nas agências governamentais de assistência ao indígena, vendem cerâmicas e outros objetos artísticos e, quando residentes nas cidades próximas, atuam em diversos postos de trabalho, desde atendentes no comércio a operários de indústrias locais.

Ao rever a produção acadêmica feita a partir dos anos de 1990 pelas ciências sociais (principalmente os trabalhos realizados dentro de programas de pós-graduação em história e antropologia) percebemos que quatro personagens se notabilizam como fontes históricas/culturais sobre o grupo: o missionário espanhol José Sánchez Labrador (1717-1798), e os já mencionados Guido Bogianni (1861-1902), Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Darcy Ribeiro (1922-1997). Em diferentes épocas, esses autores chamaram atenção para aquilo que lhes pareceu mais característico da cultura Kadiwéu: seu gosto pela guerra, sua organização social hierárquica e sua disposição para a arte.

Em relação aos dois primeiros pontos - a hierarquia e a guerra - certamente podemos lembrar o trabalho de Mônica Pechincha (1994). Preocupada em compreender as construções feitas pelos próprios Kadiwéu a respeito de seu passado, Pechincha procura, inicialmente, reconstituir a história e a vida cultural do grupo (e de seus antepassados) a partir dos relatos de seus cronistas, dentre os quais estão justamente Sanchez Labrador que conviveu com os Mbayá entre os anos de 1770 e 1776, e Boggiani, que, como mencionado anteriormente, esteve com os Kadiwéu por dois meses já no final do século XIX. Aqui, embora a autora recupere algumas informações sobre as formas de moradia e os padrões de casamento, a questão da estratificação social e, posteriormente, o tema da guerra são os assuntos que recebem a maior parte de sua atenção.

Segundo Pechincha (1994: 39), Sanchez Labrador e outros cronistas que conheceram a população Mbayá a descreveram como uma sociedade dividida entre capitães e cativos, na qual a hereditariedade era “o meio privilegiado, senão o único, de sucessão de chefia”, isto é, “o filho de um capitão o sucederia naturalmente”. Já os cativos ou “criados”, seriam compostos de indivíduos “oriundos de outros grupos chaquenhos capturados em guerra” (*idem*: 45), principalmente aqueles pertencentes a etnia Xamakôko ou Xamacoco. Ainda que os cronistas reiterem essa nomenclatura, podemos inferir, a partir também de suas descrições, como fez, por exemplo, Roberto Cardoso de Oliveira (1976), que esse conceito de matriz Ocidental, não condiz com a prática da relação entre os cativos e as famílias nobres. As relações eram hierárquicas e sem direito à sucessão, no entanto, conforme esses cronistas, não apresentavam as características próprias de uma imposição servil e violenta. Ao contrário, segundo Cardoso de Oliveira (1976), no caso dos Terena, estes como cativos participavam de quase todas as atividades e do cotidiano das famílias nobres. Como sabemos, o termo “cativo” historicamente significou um contexto de submissão, o que não é o caso dessa relação entre estes dois povos, situação retomada por vários/as pesquisadores/as, afirmando tratar-se mais de uma “simbiose” e complementaridade.

Além de Pechincha, outros autores como Cardoso de Oliveira (1976) se dispuseram a trazer informações sobre a hierarquia da população Kadiwéu e de seus antepassados Mbayá focando muitas vezes no infanticídio praticado por esses indígenas até meados do século XX e na incorporação de novos membros através da guerra. Sem questionar o valor documental que tais reconstituições com certeza possuem, interessa-nos saber, entretanto, como esses temas têm aparecido na literatura antropológica para além de sua intenção informativa e contextual.

Lembramos, ainda, que muitos dessas descrições e reflexões, foram produzidos em um contexto colonial, com ênfase no exótico e no impacto que a radical diferença causava nos representantes das culturas europeias. Até mesmo alguns relatos produzidos já na primeira metade do século XX, tais como o de Darcy Ribeiro e Lévi-Strauss mencionados na introdução, apresentam influências de uma perspectiva pessimista em relação à continuidade desses povos e de suas práticas culturais. Já as pesquisas realizadas nas últimas décadas, aos poucos vão rompendo esse paradigma, assumindo as assimetrias nas relações pesquisador/a – pesquisado/a e apresentando paradigmas menos reducionistas e fechados, abrindo espaços para a “multivocalidade” dos sujeitos pesquisados.

Nesse sentido o próprio trabalho de Pechincha é significativo ao propor, como já mencionado, contar a história tal como narrada pelos Kadiwéu, numa análise “fundada sobre discursos” (PECHINCHA, 1994: 81). Ao centrar-se nos mitos, ou “histórias de admirar”, a autora traz as discussões sobre hierarquia, sobre as relações dos Kadiwéu com os brancos e sobre a guerra, para a atualidade. Com base nos argumentos de Leach (1976) Pechincha afirma que tais narrativas alegóricas sobre o passado explicam e justificam ações no presente, conferindo uma identidade aos Kadiwéu e revelando aquilo que o “sistema do índio” já não é capaz de demonstrar nos dias de hoje. A “história da relação com os brancos”, afirma a autora, é “mediada pela afirmação da identidade”, da mesma forma que o “*ethos* guerreiro” é evocado pelas narrativas míticas e acionado nesta relação, “como advertência contra a ameaça à integridade cultural e territorial” (*idem*: 129).

Assim, as diferentes versões do mito de criação trazem a ideia da “história como revelação”, pois evidenciam que “a posição de cada nação e de seu destino é um presente feito pelo criador” (PECHINCHA, 1994: 115). Nesse caso, os Kadiwéu teriam se tornado viajantes do Pantanal, caçadores seminômades vivendo da caça de seus alimentos por um propósito divino o que mostra, segundo a autora, que “a condição de viver no mato está, para os Kadiwéu, firmada na reivindicação territorial” (*idem*). Em outras palavras, na interpretação de Pechincha, tal modo de vida (atribuído também aos seus cativos Xamakôko), não se relaciona, como queriam os cronistas, a uma suposta proximidade entre esses indígenas e a natureza, mas sim “a garantia da manutenção de uma identidade que passa pela garantia do território” (*idem*). Sem o território, um direito adquirido pelos desígnios do criador e revelado em seus mitos, prossegue a autora (*idem*: 116), é impossível continuar sendo indígena.

Sanchez Labrador, Boggiani e outros cronistas, assim como os antropólogos Lévi-Strauss e Ribeiro parecem ter encontrado o povo Kadiwéu dividido entre nobres (de sangue puro) e cativos, uma “sociedade senhorial” conforme já mencionado. Estudos mais recentes, como o de Leckszinieck (2011), Duran (2021) e Freire (2018 e 2021) tem contribuído de forma importante para uma compreensão mais ampla e nuançada desse fenômeno. Embora tratem de assuntos diferentes, todos esses trabalhos compartilham o fato de não tomarem como dada uma hierarquia Kadiwéu baseada apenas na pureza do sangue associada às famílias consideradas nobres. Leckszinieck (2011), por exemplo, mostra como as dinâmicas do parentesco na aldeia Bodoquena onde realizou sua pesquisa, são contextuais, combinando noções de descendência e residência.

No entanto, é no trabalho de Freire (2018 e 2021) que vemos a noção de hierarquia como organizadora da sociedade Kadiwéu ser analisada de forma mais profunda e crítica. Assim, dentre outros questionamentos, Freire (2021) se pergunta: em quais evidências teriam se baseado os relatos históricos para definir as

condições de nobres, escravos e servos entre os Eyiguayegui? Por que, apesar das relações de proximidade entre “senhores” e “escravos” e, a despeito desses escravos poderem se tornar chefes, descrever estas relações a partir de um princípio hierárquico baseado na pureza do sangue e nas regras de hereditariedade?

Freire (2018 e 2021) não contesta a valorização de hereditariedade pelos Kadiwéu. Como ela afirma, as próprias etnografias contemporâneas têm chamado atenção para isso (DURAN, 2016; JOSÉ DA SILVA, 2004; PADILHA, 1996; PECHINCHA, 1994; RIBEIRO, 1980; SIQUEIRA JR., 2011; LECZINIESK, 2005). Entretanto, se apoiando nos registros escritos dos cronistas sobre a grande festa que se realizava quando o filho de um capitão nascia, ela distingue a possibilidade de uma construção gradual da chefia indígena. Em suas palavras (2021: 246-247): “Ao mesmo tempo em que havia uma dose de herança na chefia Eyiguayegui, havia também a construção gradual das características de um grande chefe, o que em algumas vezes prescindia do ‘sangue nobre’”.

Ainda de acordo com Freire (2021: 257):

Os cronistas, viajantes e missionários autores das fontes [...] acabaram por interpretar as diferentes atribuições não apenas como distintas – como elas pareciam ser lidas pelos indígenas – mas também como desiguais em valor, definindo as categorias que povoavam as *tolderías eyiguayegui* por meio do trabalho executado pelas pessoas e afirmando serem algumas delas inferiores e outras superiores.

Neste sentido, podemos reafirmar que o tema da herança é uma construção social, mas que passa, efetiva e historicamente, por relações de poder entre as principais redes de parentes, as quais coincidem com as famílias nobres, as mesmas que detêm a propriedade dos territórios, assim como da legitimidade da liderança política e, também, da representatividade institucional da sociedade Kadiwéu. É neste contexto de papéis sociais constantemente redefinidos, conforme categorias que se creem históricas e culturais, que ocorre uma das mais impactantes manifestações culturais da etnologia sul-americana: não apenas a prática da cerâmica, mas também, seu papel de superfície para a prática do grafismo.

A produção e a comercialização de cerâmica entre os povos indígenas do MS

Registros sobre a produção indígena de cerâmica em Mato Grosso do Sul não são recentes, sobretudo em relação ao povo Kadiwéu. Como vimos na introdução, sua confecção, bem como as pinturas que adornavam esses objetos chamaram atenção de Guido Boggiani no final do século XIX e, ao longo do século XX, de Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro, dentre outros. Todos esses autores fizeram uma série de apontamentos sobre as expressões artísticas Kadiwéu, incluindo os desenhos que imprimiam sobre as cerâmicas. Já os Terena, segunda maior população indígena do estado, viram sua produção artística correr risco de extinção em meados do século XX, não por desacreditarem na arte e técnica desenvolvidas por seus ancestrais, mas certamente, tendo como um dos principais motivos, o impacto ambiental e a perda dos territórios tradicionais, fonte da matéria prima, essencial para o exercício dessa prática. Em outras palavras, trata-se de uma narrativa frequente entre antigas mulheres ceramistas, a dificuldade que encontram para conseguir a argila específica para a cerâmica que confeccionam. Nas últimas décadas, segundo os relatos das ceramistas terena, por exemplo, a Terra Indígena de Cachoeirinha, situada no município de Miranda, é um dos únicos lugares onde encontram matéria prima apropriada para a elaboração dos potes.

Mesmo neste contexto adverso, o turismo ao estimular um mercado de consumo específico de artesanato indígena na região acabou por “afastar essa ameaça” (ALVES, CHAVES e MATIAS, 2019). Em contrapartida, a situação dos Kinikinau é bastante singular. Considerados extintos pelos órgãos oficiais do Estado, vivem entre os Terena e, atualmente, reivindicam seus antigos territórios tradicionais e o reconhecimento de sua identidade étnica (CANAZILLES, 2016). Depois de ter passado quase todo o século XX invisíveis e confundidos com os Terena, o grupo tem reinventado suas criações artísticas, sendo o trabalho com o barro (retornado em meados dos anos de 1980) um dos elementos cruciais na autoafirmação étnica do grupo (*idem*)⁸.

Como constatamos, atividades ligadas ao comércio, ou seja, a venda de produtos artesanais, passaram, principalmente a partir de 1970, a ter um papel importante para a sobrevivência e reprodução de boa parte das populações indígenas brasileiras, como os Terena, os Kadiwéu e os Kinikinau. Especialmente em Mato Grosso do Sul, a década de 1970 foi marcada por um aumento do turismo de pesca e, posteriormente pelo ecoturismo, o que levou a construção de hotéis, estradas e o investimento em novas frotas de embarcações destinadas exclusivamente a essas atividades (ALVES e RODRIGUES, 2021). Justamente dessa época data a inauguração da Casa do Artesão que, em suas unidades localizadas em Campo Grande e em Corumbá, tornou-se um ponto destinado a comercialização do artesanato indígena local (ALVES e RODRIGUES, 2021; VIETTA, 2015).

Nos dias de hoje, a venda das peças de cerâmica entre as etnias supracitadas se tornou fundamental para garantir seu sustento ou complementar a renda das suas famílias. Alguns autores têm chamado atenção para esse fato e para as mudanças sofridas devido as demandas impostas por esse novo mercado consumidor (VIETTA, 2015; CANAZILLES, 2016; ALVES, CHAVES e MATIAS, 2019; ALVES e RODRIGUES, 2021). O surgimento de peças consideradas meramente decorativas como as figuras de animais, em contraposição aos tradicionais utensílios de uso doméstico e cotidiano como as panelas e outros recipientes, bem como a miniaturização desses objetos são traços observados por esses autores que apontam para o dinamismo e para a vitalidade que marcam a produção oleira indígena em constante transformação. Nas palavras de Vietta (2015: 128), ao “ganhar o mercado” o trabalho com o barro passa a expressar também as ideias que as suas criadoras têm a respeito dos não indígenas ou daqueles que consumirão suas peças, o que mostra como “as leis de mercado se comunicam com a tradição para originar novos produtos, renovando os significados e os usos dos trabalhos das ceramistas” (*idem*).

Como podemos constatar, as transformações das peças ao longo do tempo, tendo em vista as demandas impostas pelo mercado consumidor e sua comercialização são um assunto central entre aqueles que se dedicam a pesquisa com os Kadiwéu e a produção ceramista dessa etnia. Isso fica claro, por exemplo, nos

⁸ Embora existam membros da etnia Kinikinau residindo nas aldeias Terena localizadas nas cidades sul-mato-grossenses de Aquidauana, Miranda e Nioaque, a maior parte de sua população vive na Reserva Indígena Kadiwéu, mais especificamente na aldeia São João, em Porto Murtinho. Pertencentes à família linguística Aruak e descendentes dos grupos Txané-Guaná, os Kinikinau, juntamente com os Terena, teriam atravessado o rio Paraguai em direção ao Brasil a partir da segunda metade do século XVIII, instalando-se na região banhada pelo rio Miranda onde foram encontrados por viajantes durante o século XIX. Após a Guerra do Paraguai (1864-1970), as etnias Terena e Kinikinau teriam sofrido duras perseguições levadas a cabo por fazendeiros e posseiros da região. Os Kinikinau teriam ficado ocultos em meio aos Terena que eram o grupo majoritário, quase não sendo mencionados em livros e documentos originados no período que vai do final do século XIX ao início do XX. Dessa forma, tornou-se “lugar comum” referir-se aos indígenas dessa etnia como um subgrupo Terena, especialmente, depois da destruição do último aldeamento que pertencera ao grupo, situado próximo à região do rio Miranda. Para maiores informações cf. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; CANAZILLES, ALVES e MATIAS, 2013). Ver também <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kinikinau> (consulta realizada em 30/09/2024).

trabalhos de Vânia Graziato e de Aline Müller. No primeiro, uma dissertação de mestrado intitulada: *Cerâmica Kadiwéu: processos, transformações, traduções*, concluída em 2008, na Escola de Comunicação e Artes da USP, Graziato retoma as coleções de Guido Boggiani e de Darcy Ribeiro comparando-as com as que encontrou durante seu trabalho de campo na Aldeia Bodoquena realizado entre os anos de 2000 e 2005.⁹ Dentre as diferenças encontradas entre as peças produzidas até a metade do século XX e aquelas mais recentes (fabricadas principalmente a partir do final dos anos 90) a autora destaca, por exemplo, o desaparecimento da ornamentação das bordas com trançados de cordão de caraguatá e miçangas, a introdução de novas cores e a migração dos grafismos que passaram a ser pintados do lado interior das peças e não mais do lado exterior “tirando dos objetos sua função utilitária” (GRAZIATO, 2008: 50). Ressaltamos esse ponto porque é justamente a obliteração da manufatura de peças voltadas a essa função utilitária em detrimento de uma confecção cada vez maior de objetos puramente ornamentais que revela, segundo Graziato, o condicionamento dessa produção ao mercado consumidor. Como destaca Müller (2019: 42), especialmente na região de Bonito que integra um dos mais procurados destinos turísticos do Pantanal, fazem sucesso as peças zoomorfas que além de serem facilmente transportadas nas bagagens, se transformam em peças exóticas produzidas por indígenas que no imaginário da sociedade circundante vivem uma cultura “idílica” e isolada.

No entanto, “falar” sobre a comercialização da cerâmica Kadiwéu significa, também, falar sobre a marca étnica e a memória ancestral impressas nas peças. De acordo com Graziato (*idem*: 56), “a cerâmica Kadiwéu é objeto de reconhecimento individual, familiar e do grupo”, mas, ao transitar para contextos fora das aldeias, como as lojas do aeroporto ou dos *shoppings centers* acaba perdendo o signo de sua alteridade se transformando em “um objeto indígena genérico, sem rosto; objeto de ‘índio brasileiro’” (*idem*: 57). Assim, uma das características principais, que está na origem da produção desses artefatos, que é o seu pertencimento étnico, grupal e familiar, acaba se perdendo em meio ao dinâmico processo que guia a lógica do mercado.

Ao tratar especificamente dos caminhos percorridos pela cerâmica Kadiwéu em diferentes contextos, Müller (2017) esbarra nesse mesmo ponto. Segundo essa autora (*idem*), de uma perspectiva biográfica, “a aldeia assume o contexto de unidade geradora e criadora da cerâmica”, sendo a própria cerâmica um elemento de mediação entre os Kadiwéu e a sociedade circundante, dois universos que podem ser opostos e até mesmo “conflituosos”. Adotando uma linguagem um tanto funcionalista, Müller argumenta ser possível identificar duas funções atreladas à cerâmica no contexto das aldeias. Primeiro, ela serviria como geração de capital, através da venda de artesanato. Em segundo lugar, mas não menos importante, a cerâmica cumpriria, também, o papel de “emblema étnico”, “aparecendo nas narrativas o forte vínculo da sociedade com os grafismos que adornam os recipientes” (MÜLLER, 2017: 111). Além de expressarem a etnicidade do grupo, os padrões geométricos desenhados nos objetos seriam evocados, também “como elemento de autenticidade, tanto nas lojas como junto à comunidade indígena” (2017: 76).

A preocupação com a biografia desses objetos, faz com que Müller atente para a mudança de estatuto das peças que, ao chegarem nas lojas turísticas da região,

⁹ Tais coleções encontram-se respectivamente no Museu Pré-Histórico e Etnográfico Luigi Pigorini, em Roma e no Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Apesar de ter tomado essas coleções como principais referências, a autora também observou as peças disponíveis no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e as coleções particulares do historiador Giovani José da Silva e do geógrafo José Luiz de Souza (ambas coletadas entre os anos de 1997 e 2005).

acabam, na sua opinião, se transformando em simples mercadorias. Em suas palavras: “a peça, a partir do momento que se incorpora ao estoque de uma loja, assume a condição de peça comercial” (*idem*: 114). Tal mudança de contexto, não só transforma a cerâmica em uma mercadoria como, também, “faz com que o valor original do emblema étnico (aquele produzido nas aldeias) se torne mais difuso, assumindo outras camadas de significado” (*idem*).

Apesar da ênfase de Graziato e Müller nos sentidos comerciais que guiam a produção de peças em cerâmica Kadiwéu nas últimas décadas, isso não quer dizer que não existam outros espaços de transmissão, conhecimento, transformação e circulação da arte oleira do grupo. Como já sinalizado, as duas autoras chamam atenção para a importância da cerâmica como um forte elemento de identificação étnica, ligado a evocação de um passado grandioso. Mas, para além disso, os dois trabalhos também apontam, ainda que de maneiras distintas, para a existência de outros circuitos possíveis para essas peças, nem sempre regidos por lógicas meramente mercadológicas. Trata-se, principalmente, dos “espaços científicos” (museus, universidades), mencionados por Müller como mais um dos contextos de “consumo da arte Kadiwéu” e local de pesquisa de Graziato. Não pretendemos retomar aqui todos os “contextos” de circulação das peças de arte Kadiwéu identificados por Müller, mas apenas chamar a atenção para o fato de que ela pode ser estudada de outras perspectivas e abordagens.

Para além da etnicidade e do comércio: arte indígena Kadiwéu

Enquanto o trabalho de Graziato (2008) foca nas transformações e nos processos de fabricação da cerâmica e o de Müller (2017) nos circuitos percorridos pelos objetos e suas subsequentes mudanças de *status*, o de Duran (2021) nos leva a uma verdadeira imersão na arte Kadiwéu. Para a autora, os desenhos Kadiwéu podem ser interpretados como “mitos gráficos”, isto é, “uma técnica de memória alternativa à escrita e à oralidade, que comunica os conhecimentos primordiais aos seus espectadores” (DURAN, 2021: 18). Tendo isso em mente, Duran procura compreender (tomando como base o seu próprio entendimento a respeito da visão indígena) as “redes de socialidade” possibilitadas por tais desenhos, sejam aquelas “que residem na relação entre quem se pinta e quem observa a pessoa pintada, quanto na confecção e na compra da cerâmica decorada, atreladas à concepção de alegria e do que é demonstrar estar alegre” (*idem*). Em outras palavras, desenhos produzem relações, situando-se como mediadores entre diferentes universos: o mítico-espiritual e o relacional cotidiano.

Dessa forma, o livro *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* (DURAN, 2021), ainda que não tenha especificamente a cerâmica como objeto de análise, se destaca no presente estudo, por abordar o “complexo da cerâmica” (AMOROSO, 2021) para além das discussões em torno da etnicidade Kadiwéu frequentemente atreladas ao assunto. Em outras palavras, sem negar que a cerâmica se tornou um emblema étnico e identitário produzido pelas mulheres, uma ocupação que, inclusive, lhes possibilita uma certa autonomia financeira em relação aos seus maridos, Duran (*idem*) observa como a arte oleira confere sentido às suas vidas e encontra outros conceitos para descrevê-la, como por exemplo o de “luta”.

“Ser artista é uma luta”, dizem as interlocutoras de Duran, devido a todos os esforços necessariamente empregados no trabalho com o barro, principalmente no que diz respeito a coleta de matérias-primas utilizadas na confecção das peças

de cerâmica. Esse fator da “luta” passou a significar, com o tempo, a capacidade de atuação e autonomia das mulheres indígenas, neste caso, as Kadiwéu. São elas as gestoras de todas as fases de confecção da cerâmica, desde a retirada da argila em locais cada vez mais distantes do centro da aldeia, o processo da elaboração e da queima das peças e, por fim, a fixação da arte do grafismo e, inclusive, a comercialização. Esse protagonismo levou as mulheres a terem mais visibilidade no cotidiano das aldeias e são mais ouvidas, sobretudo porque passaram a contribuir com a geração de renda para suas famílias.

Ainda nessa chave, de uma antropologia atenta aos significados, Duran (2021) mostra como “ser ceramista” faz parte de uma etapa do desenvolvimento das mulheres Kadiwéu, um alcance de sua maturidade no seio daquela sociedade. Quando crianças as meninas acompanham suas mães e parentes próximas no processo de elaboração da arte ceramista. Mesmo depois de casadas, quando assumem a continuidade familiar da confecção dos potes e peças de cerâmicas, elas assumem um certo papel de autonomia e protagonismo, não apenas financeira, mas de liderança e uma voz a ser ouvida no coletivo de mulheres de sua respectiva comunidade¹⁰.

Aqui torna-se importante frisar que essa autonomia, construída pelas mulheres, não se dá apenas devido ao domínio nesse nível da cultura material – elaboração da cerâmica, organização da produção e comercialização – ela acontece sobretudo, na dimensão que antecede a arte ceramista, pois todas essas práticas culturais estão sedimentadas em conhecimentos espirituais ancestrais, assim como vivências políticas que perpassam as relações sociais entre as famílias oleiras – disputas por representatividade e legitimidade das próprias práticas culturais do povo Kadiwéu.

Considerações finais

A partir das experiências de campo na execução do projeto “ceramistas” (Cerâmica indígena em Mato Grosso do Sul: arte, autonomia e inovação entre as mulheres Kinikinau, Terena e Kadiwéu), financiado pela Fundect/MS, e das pesquisas bibliográficas sobre os Kadiwéu, conseguimos compreender melhor algumas especificidades deste povo/etnia e suas mulheres artistas, particularmente a relação com a cerâmica e o grafismo.

Ao longo do artigo, buscamos fazer um exercício de releitura acerca de como a antropologia tem dialogado mais contemporaneamente com a arte e a cultura material das mulheres Kadiwéu. Ao mesmo tempo, notamos que a maior parte dos trabalhos acadêmicos escritos sobre a temática a partir dos anos 2000 são de autoria também de mulheres. A pesquisa foi basicamente bibliográfica, no sentido de revisitar desde os clássicos, até as publicações mais recentes acerca do assunto, como forma de melhor compreender o cotidiano desse coletivo com o qual estamos realizando atividades de trabalhos campo. Conforme constatamos, os registros sobre a produção indígena de cerâmica em Mato Grosso do Sul não são recentes, de maneira especial, entre os Kadiwéu, da família linguística Guai-kurú.

Historicamente, a produção dos potes de cerâmica, bem como as pinturas que adornavam esses objetos teriam chamado a atenção do comerciante italiano

¹⁰ Jaime Siqueira Junior (1993) argumenta que a autonomia é uma característica marcante das mulheres Kadiwéu, se expressando, também, em outros aspectos de seu modo de vida e diferenciando-as daquelas pertencentes a outras etnias indígenas do Mato Grosso do Sul, como os Terena e os Guarani-Kaiowá.

Guido Boggiani quando este viveu entre os Kadiwéu no final do século XIX. Posteriormente, ao longo do século XX, dois renomados antropólogos, a saber, Claude Lévi-Strauss francês e Darcy Ribeiro brasileiro, também fizeram uma série de apontamentos sobre as expressões artísticas Kadiwéu, incluindo os desenhos que imprimiam sobre as cerâmicas. Tanto esses autores chamados como clássicos, como os que realizaram pesquisas mais recentemente, seguiram os estudos acerca da arte ceramista e do grafismo, aprofundando aspectos como a intersecção com a organização social e política, com o mercado e o turismo, assim como com a cosmologia.

Analisando especialmente os trabalhos de Vânia Graziato, Aline Müller e Raquel Duran, notamos que, atualmente, escrever sobre a cerâmica Kadiwéu é, sobretudo escrever sobre a sua comercialização, sobre a autonomia das mulheres e sobre a sua ligação com a produção de etnicidade do grupo tanto dentro, quanto fora das aldeias. Embora as duas primeiras autoras enfatizem, por vezes em tom de lamento, as transformações operadas na cerâmica quando estas passam a ocupar contextos regidos por lógicas meramente mercadológicas, cabe lembrar que sua produção é complexa e não está aprisionada apenas as relações comerciais. Pelo contrário, cabe ressaltar que, no interior das aldeias, os desenhos impressos sobre as peças ou outras superfícies são, como notou Duran (2021: 17), tanto agentes das relações sociais, quanto possibilitadores dessas relações, podendo ser lidos como “mitos gráficos” que remetem ao pertencimento étnico, mas também familiar daqueles que os pintam. Dessa maneira, os grafismos Kadiwéu fazem circular, entre diferentes gerações de mulheres, formas particulares de transmissão de conhecimento, descrevendo tempos antigos e atuais e contando “a história e os saberes deste povo às futuras gerações” (*idem*: 18).

Por fim, podemos, dessa maneira, afirmar, que a arte e a cultura desse povo Kadiwéu, das terras baixas no coração da América do Sul, impactaram e, provavelmente continuarão a influenciar sobremaneira o fazer antropológico de várias gerações de pesquisadores/as.

Recebido em 29 de novembro de 2023.

Aprovado em 10 de novembro de 2024.

Referências

- ALVES, G.; CHAVES, F. e MATIAS, R. A Produção da Cerâmica Terena na Aldeia Cachoeirinha em Miranda, MS. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 10 (1): 73-80, 2019.
- ALVES, G.; RODRIGUES, S. Transformações na Cerâmica Kadiwéu em Mato Grosso do Sul. *Tellus*, 44 (1): 83-112, 2021
- AMOROSO, Marta. “Prefácio: memória e agência”. In Duran, M. R. da C. *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* Campo Grande: UFMS editora, 2021. pp. 08-14.
- BASQUES Jr., Messias. *Quase Irmãos: Maestria e território entre os Ejiwajegi do Pantanal*. Tese (Doutorado em Antropologia), Museu Nacional, UFRJ, 2020.
- BOGGIANI, Guido. *Os Caduveos*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1975.
- CANAZILLES, Karolinne S. A. *Arte Indígena Kinikinau em Mato Grosso do Sul, Brasil*. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional), Universidade Anhanguera-Uniderp, 2016
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Do Índio ao Bugre: O processo de assimilação do Povo Terena*. São Paulo: José Olímpio, 1976.
- DURAN, Maria Raquel da Cruz. *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* Campo Grande: UFMS editora, 2021.
- DURAN, Maria Raquel da Cruz. Leituras Antropológicas sobre a Arte Kadiwéu. *Cadernos de Campo*, 24 (24): 43-70, 2015.
- GRAZIATO, Vânia Perroti Pires. *Cerâmica Kadiwéu, processos, transformações, traduções: Uma leitura do percurso da cerâmica Kadiwéu do século XIX ao XXI*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes), USP, 2008.
- KOK, Maria da Glória Porto. “Prefácio”. In.: SILVA, G. J.; KOK, M. da G. P. (orgs.). *Kadiwéu: senhoras da arte, senhoras da guerra* (vol. 2). Curitiba: CRV, 2014. pp. 9-10.
- LECZNIESKI, Lisiane Koller. *Estranhos laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2005.
- LECZNIESKI, Lisiane Koller. “Política feita em casa: a dimensão doméstica da política entre os Kadiwéu”. In.: SILVA, G. J. da; KOK, M. da G. P. (orgs.). *Kadiwéu: senhoras da arte, senhoras da guerra*. Curitiba: CRV, 2011. pp. 93-120.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MÜLLER, Aline M. *Arte Kadiwéu: Processos de Produção, Significação e Res-significação*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Coimbra, 2017.
- PADILHA, Solange. *A arte como trama do mundo: corpo, grafismo e cerâmica Kadiwéu*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC/SP, 1996.
- PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. *Histórias de admirar: mito, rito e história Kadiwéu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UnB, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu: Ensaios Etnológicos sobre o Saber, o Azar e a Beleza*. São Paulo: Global, 2019.

SILVA, Giovani José da. “A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): demarcações e conflitos pela posse da terra”. In.: SILVA, G. J. da; KOK, M. da G. P. (orgs.). *Kadiwéu: senhoras da arte, senhores da guerra*. Curitiba: CRV, 2011. pp. 49-72.

SILVA, Giovani José da; KOK, Maria da Glória Porto. “Afim para que serve a arte kadiueu? Uma (possível) resposta a Claude Lévi-Straus”. In.: SILVA, G. J. da; KOK, M. da G. P. (orgs.). *Kadiwéu: senhoras da arte, senhores da guerra* (vol. 2). Curitiba: CRV, 2014. pp. 143-154.

SIQUEIRA Jr., Jaime Garcia. “Esse campo custou o sangue dos nossos avós”: A construção do tempo e espaço Kadiwéu”. In.: SILVA, G. J. da; KOK, M. da G. P. (orgs.). *Kadiwéu: senhoras da arte, senhores da guerra*. Curitiba: CRV, 2011. pp. 75-91.

VIETTA, Katya. Os ‘Valores’ da Cerâmica Terena Campo-Grandense: Um silencioso Patrimônio Intangível. *Cadernos do Lepaarq*, 24 (XII): 97-132, 2015.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS PRÓXIMOS DOSSIÊS TEMÁTICOS

Volume 12, Número 30 (setembro-dezembro de 2025)
Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado

Dr. Fabio de Medina da Silva Gomes (Unemat)

Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE AGOSTO DE 2025

Volume 13, Número 31 (janeiro-abril de 2026)
Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis

Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Dra. Talytta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)

Dr. Almiros Martins Machado (PPGA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 2025

Volume 13, Número 32 (maio-agosto de 2026)
Masculinidades, curso de vida e cuidado

Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)

Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)

Dr. Camilo Braz (UFG)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE MARÇO DE 2026

Volume 13, Número 33 (setembro-dezembro de 2026)
Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades

Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)

Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE JULHO DE 2026

Esperamos também artigos livres, em fluxo contínuo.

As submissões devem ser feitas no site:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso